

Revista da cultura - edição 08 - março de 2008:

Uma viagem pela capital pernambucana através da produção cultural que a cidade inspira

por André Dib

Oitenta livros bastam para dar uma volta pelo mundo que é o Recife? Como se fosse bússola, a bibliografia disponível vira companheira de viagem por uma cidade de geografia nem sempre previsível. Indefinida como o limite entre as águas e a terra firme. Real e imaginária. Porque, assim como os livros, as cidades são inventadas: moram dentro da gente.

“O Recife? Está todo vivo em mim”, respondeu a um jornalista a escritora **Clarice Lispector**. Ucrâniana de nascimento, ela viveu parte da infância em um casarão na Praça Maciel Pinheiro, bairro da Boa Vista. Em A descoberta do mundo, a escritora lembra dos passeios, banhos de mar, do roubo de rosas e pitangas e garante: “Acho que viver no Nordeste ou no Norte do Brasil é viver mais intensamente e de perto a verdadeira vida brasileira (...) Minhas crendices foram aprendidas em Pernambuco, as comidas de que mais gosto são pernambucanas”.

É bem verdade que somente a bibliografia de **Gilberto Freyre** já daria um belo mapa da capital pernambucana. Porém, este não seria um desenho fiel do Recife multifacetado de hoje. Por isso, para começar a partir do sociólogo de Apipucos, basta citar o Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife, de volta às estantes após 40 anos fora de catálogo.

“Eu vi o mundo... Ele começava no Recife” é a pintura mais conhecida de Cícero Dias. O sentido da frase indica o percurso pessoal do artista, que se lançou da capital pernambucana para o reconhecimento internacional. Além disso, sintetiza um sentimento coletivo, próprio de quem nasceu, vive ou visita a cidade, nascida de um porto natural de arrecifes e que já foi a capital econômica do Brasil. De forma que o mundo começou bem ali, na Praça do Marco Zero, onde desembarcavam navegantes dos quatro cantos, ou melhor, dos sete mares.



Mauricéia desvairada

A começar pelos holandeses. Há quem diga que o Brasil seria um país melhor se o Conde Maurício de Nassau e seus conterrâneos não tivessem sido expulsos pela coligação entre lusitanos e nativos, lá pelos idos de 1654. Controvérsias à parte, o breve período de supremacia foi suficiente para deixar sua marca na arquitetura, nas ciências e nas artes. Para se aprofundar nesse capítulo tão peculiar de nossa história,

em que Recife se tornou a “Mauritzstad”, vale ler *Nassau – Governador do Brasil Holandês*, de *Evaldo Cabral de Mello*, e *Holandeses em Pernambuco*, de *Leonardo Dantas Silva*. A literatura em torno do tema tem crescido, e a obra mais recente é *Lendas do Brasil holandês*, uma coleção de histórias nunca antes registradas em livro, mas que povoam o imaginário popular ao longo das gerações. Uma delas é a do cavaleiro de Casa Forte, que até hoje andaria pelo bairro onde ocorreu uma das lutas mais sangrentas e decisivas para a expulsão dos invasores.

Menos ambiciosos e mais pacíficos do que os holandeses, os mouros têm presença constante na história do Recife – o nome da cidade vem do árabe *racif*. Um dos “brimos” mais famosos é Benjamin Abraão, o libanês que primeiro conseguiu fotografar Lampião e seu bando. Esse material, que serviu de referência para Lírio Ferreira e Paulo Caldas recriarem o “rei do cangaço” no filme *Baile perfumado*, está disponível no livro *Cangaceiros*, com organização de *Elise Jasmine*.

O fotógrafo Abraão talvez não suspeitasse, mas bem perto de onde ele desembarcou está a primeira sinagoga das Américas, fundada na Rua do Bom Jesus, antiga Rua dos Judeus. Sim, a cultura judaica também influenciou a cultura da cidade, como bem informa *A presença judaica em Pernambuco*, de *Tânia Kaufmann*, livro que inclusive ganhou uma premiada versão em quadrinhos, *Passos perdidos – história desenhada*, de Amaro Braga e Roberta Cirne.

Paixão pela cidade

Visualmente, esse Recife do passado pode ser observado em diferentes épocas e em obras de diversos autores: no século 17, pelas pinturas de Frans Post, cuja obra completa está em álbum organizado por Pedro e Bia Correia do Lago; nos vários desenhos de Jean-Baptiste Debret, durante sua viagem pitoresca ao Brasil; em 12 telas de Emil Bausch, reunidas no álbum *O Recife de 1852*; e nas litogravuras do alemão Franz Heinrich Carls, que com a família aportou no Recife em 1859.

F. H. Carls gostou tanto da vida nos trópicos que, pouco tempo depois, abraçou o nome para Francisco Henrique. A paixão pela cidade gerou uma série de 58 litogravuras, recentemente compiladas no *Álbum de Pernambuco e seus arrabaldes*. Organizado pelo artista plástico Paulo Brusky, o livro é um passeio por um Recife precioso, de paisagem e costumes tranqüilos e bucólicos.

O Recife contemporâneo tem surgido intenso através da fotografia. Um bom exemplo é o livro *Brasília Teimosa*, de *Bárbara Wagner*. As fotos são o resultado de um ano de pesquisa na busca de um olhar próprio sobre os costumes daquela pobre e resistente comunidade que, a despeito da elite abastada ao redor, insiste em se divertir à beira-mar. Comumente retratados como vítimas (representação da miséria) ou algozes (representação da violência), Bárbara clicou os moradores daquela periferia curtindo a praia ensolarada, com cores fortes e luzes típicas dos anúncios publicitários. “Eu quis fazer uma brincadeira com essa coisa da celebridade, do glamour”, conta a fotógrafa que, com sua provocação, afronta a cultura de imagens prontas para o consumo.

É também pela fotografia que Fred Jordão, Gil Vicente e Roberta Guimarães traçam um panorama do recente cenário da cultura recifense. Eu vi o mundo... demarca seu território entre ruas de concreto, palafitas e mangues. Lá surgem personagens e locações que movimentam ou movimentaram a contraditória “manguetown”: **Chico Science & Nação Zumbi**, **Mundo Livre**, **DJ Dolores**, **Devotos**, **Faces do Subúrbio**, **Mestre Ambrósio**, **Silvério Pessoa**, **Lula Côrtes**, Roger de Renor e os artistas populares trazidos à voga pela ascensão do “manguebeat”: Mestre Salustiano, Dona Selma do Coco, Lia de Itamaracá... Abstraindo para as letras, **Do frevo ao manguebeat**, do jornalista **José Teles**, coloca em contexto a trajetória da música popular pernambucana. Ainda sobre o manguebeat despontam dois estudos acadêmicos sobre a “ponta de lança” do movimento que fez da cidade maurícia matéria-prima e fonte de inesgotável inspiração: **Hibridismos musicais de Chico Science & Nação Zumbi**, de Herom Vargas, e **Chico Science – A rapsódia afrociberdéliica**, de **Moisés Neto**.